

Uma obra ainda viva

Esta comunicação tem por objetivo retomar alguns aspectos dos estudos sobre o escritor Monteiro Lobato (1882-1948), mais especificamente, sobre sua obra direcionada ao público infantil, com destaque para *A chave do tamanho* (Lobato, 1942), livro publicado em 1942. A opção do objeto de análise se justifica frente a movimentações sociais mais recentes em torno de temas que colocam Lobato no centro de debates a respeito da adequação de sua obra para crianças de nosso tempo. Diante desse quadro, pretendemos, em primeiro lugar, apontar elementos textuais ainda relevantes para a formação de leitores infantis no ambiente escolar, bem como para desdobramentos temáticos propiciados pela obra em questão. Como decorrência desses elementos estruturais e estéticos de sua obra, incluindo os temas nela presentes, buscamos elucidar, por meio de análise contextual tanto das relações do autor com seu contexto imediato quanto da obra no interior de sua produção, a atualidade do texto para os leitores infantis do século XXI. Atualidade gerada por dois assuntos que sustentam a trama narrativa do início ao fim: o papel da ciência para as sociedades modernas e pós-modernas e as representações dos arranjos políticos brasileiros (Almeida, 2011). Para isso, a análise atenta para as representações da ciência e de suas tecnologias, conforme parâmetros da primeira metade do século XX, correlacionando as discussões realizadas pelos personagens a concepções e ideologias ainda pertinentes como material de debate para com as novas gerações.

Lobato ontem e hoje

Esta comunicação tem por objetivo reafirmar a obra do escritor Monteiro Lobato (1882-1948) como texto literário marcado, dentre tantas características pertinentes aos leitores infantis, pela incorporação de conceitos e temas científicos ainda pertinentes a esse público. Nossa motivação está tanto em recente contexto vivenciado pela população brasileira a respeito do que passamos a denominar de “negacionismo”, em relação às verdades científicas, quanto na permanência da obra lobatiana, ao longo do tempo, como paradigma de escrita envolvente para seu público leitor. Mais especificamente, iremos tratar brevemente de *A chave do tamanho*, obra de 1942 (para efeito de análise, recorreremos a uma edição disponível em bibliotecas escolares e ainda em circulação, aqui, a de 1997).

¹ Prof. de Literatura Brasileira do CLCA/UENP-CCP. Pós-doutorando do PLE/UEM.

À época da publicação de *A chave do tamanho*, Monteiro Lobato (1882-1948) contava com 60 anos de idade, quando vivenciou os ecos da Segunda Guerra Mundial. Para Roney Cytrynowicz (2000), foi um dos poucos escritores brasileiros que produziram textos literários em que se pode encontrar ecos mais contundentes desse conflito, o que se torna ainda mais relevante por ser um tema incorporado em livros voltados ao público infantil.

A Segunda Guerra já aparecera em *A reforma da natureza*, de 1941, e, em 1942, ressurgiu intensamente em *A chave do tamanho*. Maria Teresa Gonçalves Pereira, em seu capítulo “O lobo e o cordeiro: a (res)significação do autoritarismo pela fábula”, parte de obra recente sobre a literatura para crianças e jovens – *Letras de resistência: literatura infantil e juvenil* (Martha, Aguiar, 2021), ressalta:

Monteiro Lobato instaura em sua obra literária expressiva conotação política. Nos livros infantis, nos contos e nos manifestos observamos tal motivação. Os problemas nacionais sempre o mobilizaram, nunca se furtando a debatê-los em quaisquer espaços. Seus textos o desvelavam, quase sempre, de forma contundente. (Pereira, 2021, p.177)

Quanto ao contexto de elaboração e publicação da obra, Regina Zilberman, em artigo intitulado “Monteiro Lobato e suas fases” (2010), aponta os seguintes traços desses momentos da produção lobatiana:

Se a “fase do Sítio do Picapau Amarelo” ocupou Monteiro Lobato a partir da publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, de 1920, até sua morte, em 1948, ela não foi sempre idêntica. Em sua primeira década, o escritor apostou em livros contendo uma única história protagonizada pelos moradores do Sítio, ocorrida de preferência nas terras de Dona Benta, visitadas por personagens vindas do exterior, fosse do mundo da fábula [...].

Na segunda década, porém, o escritor mudou de tática: dedicou-se à produção de livros com histórias variadas, ligadas pelo fio das personagens, que passam de uma aventura a outra. [...]. (Zilberman, 2010, p.145)

Na terceira fase, marcada pelo amadurecimento de seus textos, bem como pela idade mais avançada, encontramos *A chave do tamanho*:

Talvez se possa dizer que a terceira etapa da “fase Sítio do Picapau Amarelo” começa a partir de *O poço do Visconde*, já que não havia como retornar à situação anterior no que diz respeito à condição das terras de Dona Benta e de seus moradores. É certo que, de um livro para outro, Lobato incorpora personagens e eventos dos volumes anteriores. Assim, o anjinho, de *Viagem ao céu*, permanece no Sítio até *Memórias da Emília*, não retornando em narrativas posteriores. O rinoceronte Quindim, adotado pelo grupo em *Caçadas de Pedrinho*, acompanha as histórias subsequentes, o mesmo ocorrendo com o burro Conselheiro, introduzido em *Reinações de Narizinho*. (Zilberman, 2010, p.149)

Para Zilberman, esta fase é um momento em que Lobato formula ficcionalmente suas utopias, inserindo tópicos de caráter filosófico:

Similar contraposição entre o amargo presente, que, contudo, pode ser alterado, e a expressão de uma utopia futura, que tem no passado ateniense sua inspiração, pode ser encontrada em duas obras lançadas nos primeiros anos da década de 40. A primeira, *A chave do tamanho*, de 1942, redigida quando o confronto entre as potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e os Aliados (Inglaterra, União Soviética e Estados Unidos) não permitia prever quem venceria a guerra, narra os desacertos provocados por Emília, quando a boneca resolve interferir nos acontecimentos bélicos. E se o livro relata episódios penosos, resultantes dos prejuízos sofridos pelas personagens, ele também expõe a perspectiva pacifista do autor, pautada pela aspiração de que os mais capacitados liderem as mudanças sociais e políticas consideradas essenciais por ele. (Zilberman, 2010, p.150)

Em *A chave do tamanho*, ao contemplar o pôr do sol, a turma do Sítio mal sabe o que estará por vir. Emília, em pé na porteira, aparece já na primeira cena formulando questões e implicando com os “modos de dizer” dos adultos. Enquanto Dona Benta se dispõe a responder aos questionamentos da boneca, o carteiro entrega o jornal. As notícias da guerra deixam a avó transtornada, o que leva Emília ao encontro de suas ideias criativas e mirabolantes, isto é, busca uma solução para o problema da guerra. Para isso, ela furta o superpó (substituto do conhecido pó de pirlimpimpim), dirige-se a um lugar imaginário, figurado em uma narrativa em que se rompem os limites entre o real e a fantasia. Ali, no Fim do Mundo, na Casa das Chaves, existem as chaves que controlam tudo o que existe. E é ali que, como uma criança curiosa, ela vai aprontar uma peripécia gigantesca.

Tentando abaixar a chave da guerra, usa o “método experimental” e mexe na chave do tamanho, reduzindo a humanidade a centímetros. A partir daí se inicia a aventura no mundo miniaturizado. Como não tem força para voltar a chave à antiga posição, Emília viaja com o superpó até o Sítio do Picapau Amarelo para pedir socorro. Porém, é impedida pelo pinto sura que, enxergando-a como petisco, obriga a personagem a aspirar novamente o pó e pousar no jardim de outra localidade. Depois de muitas aventuras para chegar a uma casa que vê de longe, Emília se encontra com a família do Major Apolinário, prefeito de Itaoca. Entre observações e comentários, testemunha uma carnificina realizada pelo gato Manchinha, que come seus donos. Agora Emília se vê obrigada a assumir uma responsabilidade, qual seja, realizar o salvamento de duas crianças órfãs que se tornam dependentes dela.

Lutando pela sobrevivência na “nova ordem”, os três são encontrados, mais tarde, pelo Visconde que caminhava para a cidade a fim de verificar se o fenômeno do “apequenamento” alcançara realmente a todos. Emília lhe conta a história, aloja-se com os órfãos na cartola do sabugo e, com este novo grupo, retorna ao Sítio do Picapau Amarelo. Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho e Narizinho se encontram no quarto, sobre a cômoda. As dúvidas e as inquietações são imensas. Desse modo, logo depois, Emília e Visconde decidem realizar uma viagem pelo mundo para comprovar o resultado do abaixamento da chave. Antes,

porém, Emília é acuada por Narizinho, que percebera alguma “arte” da boneca. A responsável pela redução da humanidade se compromete a realizar um plebiscito para decidir a questão quando ela e o Visconde retornarem.

A viagem permite à Emília e ao Visconde verificarem que a redução atingira a todos, e a tragédia fora geral. Encontrando os líderes mundiais envolvidos na Segunda Guerra Mundial, Emília discursa para cada um e, numa viagem aos Estados Unidos, encontra um núcleo de civilização, Pail City (a Cidade do Balde) cujas obras são dirigidas por um sábio cientista. Cada vez mais convencida de que a redução foi um avanço para a humanidade, Emília retorna com o Visconde ao Picapau Amarelo. Apesar da empolgação de Emília, o retorno do tamanho é a opção vitoriosa no plebiscito e a chave é recolocada em sua antiga posição. A história se encerra com os personagens vestindo suas roupas rapidamente, pois, pequeninos, ficaram nus – a cena final é a do coronel Teodorico escondido dentro do guarda-roupa de Dona Benta, sem ter roupa para vestir na situação de “emergência”.

Evidentemente, a redução do tamanho da humanidade conecta a obra a uma série de intertextos e temas propícios à reflexão, imaginação e criatividade (Valente, 2011; Valente, Ceccantini, 2018), isto é, se considerarmos que Lobato se envolveu em quatro campanhas básicas – saneamento, livro, ferro e petróleo –, como lembra Sueli Cassal (2002), compreende-se porque o escritor foi considerado por Anísio Teixeira (1900-1971) “um homem voltado para o amanhã” (Cassal, 2002, p.221), futuro que almeja construir na atualidade de seu tempo, o que se vê na figura de Pail City, em *A chave do tamanho*:

Se a campanha do saneamento básico dá prosseguimento a um amplo movimento iniciado no final do século XIX, baseado nas pesquisas científicas de Oswaldo Cruz, a campanha pelo livro leva Lobato a vender sua fazenda de dois mil alqueires e inverter todo seu capital na indústria livreira. Nessa atividade, a desmesura de seus empreendimentos somada à conjuntura política e econômica brasileira, levou-o à falência. Seus inúmeros insucessos comerciais são tributados, pelos amigos, ao fato de ele ser um sonhador.

Acreditamos que é sobretudo nas campanhas pelo ferro e pelo petróleo que se destaca o utopismo do pensamento de Monteiro Lobato: um homem sozinho, literato por acréscimo, contra uma máquina burocrática baseada historicamente na prática da corrupção, do favor e do apadrinhamento, vai tentar concretizar empreendimentos do porte da extração de ferro e de petróleo, num país de estruturas arcaicas como o Brasil, com o objetivo de promover o progresso social. (Cassal, 2002, p.222)

Havia se estabelecido, pois, um projeto de literatura marcado pela vontade de provocar o leitor infantil à criatividade, à inventividade e ao raciocínio a partir de uma bagagem humanista e cientificista. Como exemplo desse projeto, outra obra acadêmica também recente sobre *A chave do tamanho* atesta sua pertinência como leitura para as crianças do século XXI. Em *Monteiro Lobato e a problemática da nação: um projeto dialógico e negociado*, de 2011,

Simão Faria Almeida analisa *A chave do tamanho* sob a ótica de uma problematização lobatiana sobre a realidade sócio-política brasileira:

Essas classes [as tradicionais agrícolas e as urbanas] reivindicam inserções político-econômicas distintas e, portanto, possuem projetos nacionais distintos. As oligarquias, apesar de saudosas de tempos em que eram fortes economicamente, estão mais próximas politicamente de Vargas do que as classes urbanas, que tentam a todo custo implantar um projeto econômico nacionalista de modernização. [...]

Outra ambiguidade da época é a coexistência de um projeto internacionalista e outro nacionalista do Governo Vargas. (Almeida, 2011, p.63)

Para Almeida, a obra reflete as ambiguidades desses projetos de nação vivenciadas por Lobato. A Casa das Chaves aparece como metáfora dos modos de atuação de países que ocupam o centro do poder político e econômico no cenário internacional, sendo a chave do tamanho aquela que permite decisões fora do circuito desses entes institucionais:

Contra o projeto dos países dos centros políticos que iniciaram a guerra, a personagem apresenta outro. Com o *destamanho*, dois projetos internos coexistem, e as vozes ficcionais vão lutar pelas suas legitimações: internacionalização cultural e o projeto contrário a este. (Almeida, 2011, p.133).

As reflexões e os diálogos entre os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, imersos em uma crise mundial, pressupõe, conforme Almeida (2011), a problematização ou confronto daqueles dois projetos:

O dialogismo, o inacabamento das visões de mundo das personagens na obra lobatiana que analisamos não expõe, simplesmente, uma democracia verbal que poderia estar representada numa obra literária de um país que é nação. Ao contrário, colabora para imaginar as configurações específicas de nossa cultura. Em *A chave do tamanho* as personagens não compartilham o mesmo sentimento de pertencimento, de soberania do qual Benedict Anderson fala como necessário a uma nação imaginada; existem projetos distintos para o Brasil, frente ao cenário mundial. Neste sentido, é que Monteiro Lobato, como escritor de Terceiro Mundo, utiliza o dialogismo, a luta permanente e inacabada de ideias, não para imaginar uma democracia, mas para imaginar nossa problemática da nação. (Almeida, 2011, p.171)

Nação que seria refundada, no mundo miniaturizado, como vemos no emprego da expressão “A Revolução da Emília”, título inicial com o qual, segundo Edgar Cavalheiro (1955) em *Monteiro Lobato: vida e obra*, Lobato pretendia aplicar em seu texto:

Por saudosismo preferia, entre todos os livros, as “Reinações de Narizinho”. Mas dava imenso apreço “A Chave do Tamanho”, história da maior reinação do mundo, na qual Emília, sem querer, destruiu temporariamente o tamanho das criaturas humanas. Neste volume, mais do que simples história para divertir a criança, o autor procura demonstrar, de maneira pitoresca, o princípio da relatividade das coisas. Lobato o escreveu aos 60 anos de idade, numa época de grandes amarguras. Acabara de sair da cadeia, o filho agonizava, a situação do Brasil e do mundo democrático ia de mal a pior. O livrinho, embora sendo todo um compêndio de úteis ensinamentos, não oculta, porém, amargo pessimismo com relação ao futuro. Mas é

nele que se refugia numa grande e divertida aventura, que julga a última. (Cavaleiro, 1955, p.597)

Conforme o excerto anterior, para Cavaleiro *A chave do tamanho* é “todo um compêndio de úteis ensinamentos” que, embora apresente “amargo pessimismo em relação ao futuro”, é uma forma de “demonstrar, de maneira pitoresca, o princípio da relatividade das coisas”. O espaço miniaturizado abre-se em suas diversas possibilidades de existência. Acompanhando a empreitada da protagonista, o narrador chama nossa atenção para a “abundância do pequenino”:

Que lugar era aquele? Um simples canteiro de violetas, dentro do qual Emília teve a sensação do caçador em plena mata virgem. A sua redução de tamanho permitia-lhe ver a “abundância do pequenino”. Quantas vidinhas na sombra daquela mata, sobretudo sob forma de vermes! Bichos cabeludos de todos os jeitos, e lagartas não-cabeludas, uma delas com chifre no nariz — como o Quindim. E mede-palmos cor de esmeralda, translúcidos, gulosamente devorando folhas ou tecendo casulos. E caramujos, e tatuzinhos. E uma infinidade de *formas de vida* que só os sábios sabem. (Lobato, 1997, p.20)

Abundância no comer, no morar, no viver a nova vida. Vale a pena relermos alguns trechos:

O lindo colibri arrumou do melhor jeito os dois algodões e acomodou-se no ninho. Era tarde já, hora das aves se recolherem. Emília ficou quietinha, pensando. Não lhe passou pela cabeça falar com os companheiros. Muito distantes dela, além de que o beija-flor podia perceber. Tratou de acomodar-se como melhor pôde e dormir. E dormiu a mais agradável noite de sua vida. Que deliciosa quenturinha! (Lobato, 1997, p.36)

Emília mostrou-lhes [para Candoca e Juquinha] a casa nova e explicou quem era o “Colosso de Rodes” em cuja cabeça iam morar. Juquinha ficou radiante. Foi para a janela e começou a fazer planos. “Podemos pegar um besouro e amarrá-lo a um dos moirões da cerca. Enquanto eu não voar eu não sossego”. A Candoca havia entrado com um bico de choro, mas não chorou. Porque chorar, se estava bem abrigada naquela casinha de porta, janela e ovo? (Lobato, 1997, p.47)

— Parece incrível, disse ele, que ainda numa situação destas o estômago da gente fale! Tenho vergonha de dizer que estou com fome.

— Pois é regalar-se, coronel, volveu Emília. Há ovo de beija-flor ali na cartola — mas nem é preciso. O senhor está sobre a maior mesa do mundo. Estas comidas dão para alimentar um exército inteiro. Olha só para a terrina de feijão. (Lobato, 1997, p.53)

Aos obstáculos próprios da aventura, enfrentados bravamente por Emília e seu grupo, se contrapõem as possibilidades de uma vida farta, sem problemas de moradia e alimentação — “Pois apesar desses perigos novos, estou encantada com a vida pequenina. Para a alimentação, que beleza! Qualquer isca nos enche o estômago. E não é preciso trabalhar para ganhar a vida” (Lobato, 1997, p.53) — as palavras de Emília ao conversar com o coronel Teodorico sobre os desafios e ganhos da nova vida apontam para a possibilidade de superação de grandes problemas mundiais, como a má distribuição do alimento e o baixo poder aquisitivo de milhões de pessoas em todo o mundo:

— Com as térmitas, que são as formigas brancas, disse ele, temos muita coisa a aprender. Esses insetos constroem maravilhosas cidades de barro — os cupins — onde vivem aos milhares. Amassam o barro dum tal modo que essas cidades resistem a todas as chuvas durante anos e anos. Dentro constroem galerias com uma substância preta, que é a celulose das plantas mascada e misturada com qualquer líquido colante que não sei. O que sei é que aquilo equivale a um maravilhoso material de construção, resistente, elástico, mau condutor do calor, higiênico. Também revelam uma alta ciência na construção das galerias e ninhos e salas e tudo mais. O asseio e a higiene dos cupins eram uma das maravilhas que mais assombravam os entomologistas. (Lobato, 1997, p.77-78)

Resistência, higiene, funcionalidade, um novo parâmetro de vida que os homens encontram entre os insetos, conhecedores do mundo pequenino.

— [...] A vida agora vai começar de novo — e muito mais interessante. Acabaram-se os canhões, e tanques, e pólvora, e bombas incendiárias. Vamos ter coisas muito superiores — besouros para voar, tropas de formiga para o transporte de cargas, o problema da alimentação resolvido, porque com uma isca de qualquer coisa um estomago se enche, *et coetera* e tal. (Lobato, 1997, p.44)

A fala de Emília é concluída de forma cabal: “Essa tal civilização havia falhado. Havia enveredado por um beco sem saída — e a saída que achava qual era? Suicidar-se a tiros de canhão.” (Lobato, 1997, p.45). A fala do Dr. Barnes, por sua vez, quando visitam os Estados Unidos, vem a corroborar esse pensamento:

— Tudo naquela civilização era um produto do ferro, continuou o sábio, e o ferro era filho do fogo. Felizmente estamos livres do fogo, como eu ia dizendo quando o mensageiro nos interrompeu. Estamos livres do fogo e do seu filho o ferro e das mil renações que os dois faziam no mundo, como nas grandes guerras em que tudo era ferro e fogo. Estamos livres até da grande multiplicação dos homens sobre o planeta. (Lobato, 1997, p.74)

— Pois é — continuou o sábio. — Estou convencido de que a desgraça da velha civilização veio das conseqüências sociais do fogo. Sempre pensei assim, porque sempre vivi na terra mais atormentada pelas renações do fogo e do ferro: essa infinidade de máquinas que aqui na América nos fazia tropicar num galope sem fim — para que, meu Deus, para chegar ao que? Imaginem, pois, o meu gosto quando sobreveio este súbito fenômeno da redução do tamanho — o maravilhoso remédio para o caminho errado em que o *Homo sapiens* se havia metido desde a descoberta do fogo. (Lobato, 1997, p.75)

A crítica ao mundo civilizado sustenta a idéia de um mundo futuro melhor. A redução da humanidade permitia isso:

— Sim, concordou o Visconde. Todas as outras espécies animais vivem muito bem neste mundo sem recorrer ao fogo. O *Homo sapiens* foi o único a entrar por esse caminho.

— Um caminho errado, insistiu o doutor. Livres do fogo, nós vamos agora construir uma civilização muito mais natural e vantajosa para nós mesmos — sem guerras, sem máquinas, sem aquele desvario das invenções que nos iam levando para o beleléu. (Lobato, 1997, p.75)

“— Não vamos ter precisão de velocidade nem de pressa, volveu o doutor Barnes. Graças a Deus já estamos livres desses dois horrores” (Lobato, 1997, p.77). É verdade que a pressa, a velocidade, a potência industrial, os elementos do mundo tecnológico haviam acabado em ruínas. Porém, é a mesma ciência, acumulada ao longo dos anos, que permitiria a superação dos problemas gerados pela própria humanidade.

A vida no mundo do pequenino exige a revisão dos valores, a retomada da vida pelo que ela tem de essencial. O processo de adaptação vivenciado por Emília e também pelos outros personagens revela a importância da inteligência e do conhecimento científico para sobreviver no “mundo biológico”. Mas não só isso. As reflexões perpassam o texto do início ao fim, envolvendo o leitor infantil em questões sobre ética e existência. Em seu projeto de nação, Lobato tem a ciência como um de seus sustentáculos elementares.

Reconhecer o papel revolucionário do fazer científico se torna impositivo na obra, convidando a criança a despertar seu olhar sobre o mundo que a cerca:

— Que mundo este, santo Deus! — murmurou, muito atenta a tudo quanto se passava em redor. É o tal “mundo biológico” de que tanto o Visconde falava, bem diferente do “mundo humano”. [...] A Natureza só quer saber duma coisa: quem pode mais. O que pode mais tem o que quer, até o momento em que apareça outro que possa ainda mais e lhe tome tudo. E por que essa maldade? O Visconde diz que é por causa duma tal Seleção Natural, a coisa mais sem coração do mundo, mas que sempre acerta, pois obriga todas as criaturas a irem se aperfeiçoando. (Lobato, 1997, p.18) [Grifo meu]

— Como estes bichinhos sabem arrumar-se num mundo tão grande! Murmurou Emília. Cada qual descobre um jeito. [...]

— Mas eles *sabem* e nós não sabemos, disse Juquinha.

— Também saberemos. Sabem porque foram aprendendo. Nós também aprenderemos, por que não? A professora é uma velha feroz, que não perdoa aos lerdos e preguiçosos. Chama-se dona Seleção. (Lobato, 1997, p.32) [Grifo meu]

Ao desautomatizar seu olhar sobre o mundo biológico, o leitor infantil também pode fazê-lo sobre o mundo político, social, em sintonia fina com a jornada da protagonista Emília, em *A chave do tamanho*.

REFERÊNCIAS

Almeida, Simão Farias. *Monteiro Lobato e a problemática da nação: um projeto dialógico e negociado*. João Pessoa: Ideia, 2011.

Cassal, Sueli Tomazini Barros. *Amigos escritos: quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2002. (Memória brasileira; 35).

Cavalleiro, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros, 1955.

Cytrynowicz, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial/Edusp, 2000.

Lobato, Monteiro. *A chave do tamanho*. 2. ed. Ilustr. J. U. Campos. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. 161p. Série 1, v.33.(Biblioteca Pedagógica Brasileira).

Lobato, Monteiro. *A chave do tamanho*. 42. ed. Ilustr. Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 1997.

Pereira, Maria Teresa Gonçalves. O lobo e o cordeiro: (res)significação do autoritarismo pela fábula. In: Martha, Alice Áurea Penteado; Aguiar, Vera Texeira de. (org.) *Letras de resistência: literatura infantil e juvenil*. Assis: ANEP, 2021. p.173-183.

Valente, Thiago Alves. *Monteiro Lobato: um estudo de A chave do tamanho*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Valente, Thiago Alves; Ceccantini, João Luís. Provocações à longa Botocúndia: Monteiro Lobato e Urupês. *Leitura em revista*. 2018, n. 14. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/222933941-Provocacoes-a-longeva-botocundia-monteiro-lobato-e-urupes-provocations-to-the-long-lasting-botocundia-monteiro-lobato-and-urupes.html> Acesso em: 10 jan. 2023.

Zilberman, Regina. Monteiro Lobato e suas fases. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* [online]. 2010, n. 36, p. 141-152. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/2316-40183610>>. Epub 31 Out 2019. ISSN 2316-4018. Acesso em: 9 jan. 2023.